



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

OS QUE MORREM NA PRAIA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS VÍTIMAS FATAIS DAS TRAVESSIAS NA ATUALIDADE EM DIÁLOGO COM A PRÁTICA DO SEPULTAMENTO NA IGREJA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Those who die on the beach: a reflection on the failure victims of cross-current crossworks in dialogue with practice of sepultation in the first century church

*João Henrique Stumpf¹
Dionata Rodrigues de Oliveira²*

Resumo:

O mundo experimenta uma das maiores crises migratórias da sua história. São centenas de milhares de vítimas geradas por este fenômeno. A travessia é um dos momentos mais críticos do itinerário migratório, o momento mais letal de todo o percurso. Somente nas travessias, os números de vítimas fatais mostram-se absurdos. Tal situação clama uma resposta da Igreja. Ela é desafiada a atuar tanto de forma preventiva como, também, de forma emergencial, consolando e acolhendo. Testemunhos da Igreja dos primeiros séculos referentes à prática e a reflexão sobre o sepultamento lembram à Igreja contemporânea que sua preocupação deve estar direcionada, também, às vítimas fatais. A metodologia do artigo segue as diretrizes da pesquisa bibliográfica, a partir da análise de livros, artigos e notícias publicadas sobre a temática.

Palavras chaves: Diaconia. Crise migratória. Travessias. Vítimas fatais.

Abstract:

The world is experiencing one of the largest migratory crises in its history. There are hundreds of thousands of victims generated by this phenomenon. The crossing is one of the most critical moments of the migratory itinerary, the most lethal moment of the entire route. Only at crossings the numbers of fatalities are absurd. Such a situation calls for a response from the Church, she is challenged to act both preemptively and emergently, comforting and welcoming. Testimonies of the early church regarding the practice and reflection on burial remind the contemporary church that its concern must also be directed to the fatal victims. The methodology of the article follows the guidelines of bibliographic research, based on the analysis of books, articles and news published on the subject.

Keywords: Diakonia. Migratory crisis. Crossings. Fatal Victims.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdades EST. Mestre e doutorando em Teologia Prática pela Faculdades EST. São Leopoldo, RS, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Contato: joaohenriques131@gmail.com.

² Bacharel em Teologia pela Faculdades EST. Mestrando em Teologia Prática pela Faculdades EST. São Leopoldo, RS, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Contato: dionataoliveira@yahoo.com.br.

Introdução

A imagem do menino sírio encontrado morto em uma praia turca, em setembro de 2015, impactou o mundo, alertando para o drama causado pela atual crise migratória e o rastro de morte deixado por ela. Não é por acaso que, cerca de dois anos antes, o Papa Francisco escolheu justamente a ilha de Lampedusa como o destino da primeira viagem apostólica de seu pontificado. A ilha italiana, no Mar Mediterrâneo, é ponto de passagem de milhares de migrantes e refugiados³, provenientes do Oriente Médio e do norte da África, que tentam chegar à Europa, na maioria das vezes, por meio de embarcações extremamente precárias. Na ocasião, o Sumo Pontífice jogou nas águas do Mar Mediterrâneo uma coroa de flores, recolheu-se em silêncio, para depois celebrar uma missa em memória às milhares de vítimas sepultadas à força nesse mar, que já representa o maior cemitério do século XXI (PÚBLICO, 2013). "Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna e esquecemo-nos de como chorar os mortos no mar" - lamentou o Papa – 'Oremos pelos que hoje não estão aqui'" (PÚBLICO, 2013), conclamou enquanto dialogava com um grupo de imigrantes que recém havia chegado à ilha.

O sumo pontífice chamou a atenção para a importância do comprometimento público com as necessidades dos migrantes e refugiados que conseguem atravessar o Mediterrâneo, porém, insistiu que não se pode esquecer aqueles e aquelas que sucumbiram na esperança de adentrar em uma nova terra. Para Francisco, a Igreja deve se preocupar tanto com os migrantes e refugiados vivos como também com os mortos.

Não podem cair no esquecimento da Igreja as vidas ceifadas pelas águas, pela desidratação, pela violência, pela fome ou por tantos outros elementos letais presentes na crise migratória. Mas o que faremos com os mortos? Que espaço terão em nossas ações diaconais as crianças, pessoas adultas e idosas, que perecem no caminho da sonhada libertação?

A atenção do artigo está voltada para os dados sobre as vítimas fatais das travessias em diálogo com a prática do sepultamento na Igreja Primitiva. Diante da complexidade e magnitude do problema em questão, o artigo almeja apenas chamar a atenção da Igreja para a necessidade de se preocupar com a temática. Por questões de delimitação, as causas das fatalidades não serão aprofundadas neste artigo.

³ O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) recomenda não utilizar o termo migrantes para se referir aos refugiados: "Apesar de ser cada vez mais comum os termos 'refugiado' e 'migrante' serem utilizados como sinônimos na mídia e em discussões públicas, há uma diferença legal crucial entre os dois. Confundi-los pode levar a problemas para refugiados e solicitantes de refúgio, assim como gerar entendimentos parciais em discussões sobre refúgio e migração [...]. Portanto, misturar os conceitos de "refugiados" e "migrantes" pode enfraquecer o apoio a refugiados e ao refúgio institucionalizado em um momento em que mais refugiados precisam de tal proteção [...]. Refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de 'proteção internacional' [...]. Os fatores que levam indivíduos a migrar podem ser complexos. Muitas vezes as causas são multifacetadas. Migrantes podem deslocar-se para melhorarem suas condições de vida por meio de melhores empregos ou, em alguns casos, por educação, reuniões familiares, ou outras razões. Eles também podem migrar para aliviar dificuldades significativas ocasionadas por desastres naturais, pela fome ou extrema pobreza. Pessoas que deixam seus países por esses motivos normalmente não são consideradas refugiadas, de acordo com o direito internacional" (ACNUR, 2016).

Análise sobre as vítimas fatais nas travessias na atualidade

Infelizmente, Alan Kurdi, o refugiado sírio de apenas três anos, encontrado na praia turca, não foi a única criança vitimada pela atual crise migratória. Dados recentes da Organização Internacional para as Migrações e Refúgios apontam que, desde 2014 até início de 2018, mais de 1.200 crianças morreram nas travessias rumo à Europa. “Agência da ONU afirmou que o número real de óbitos deve ser bem maior, uma vez que faltam dados precisos sobre a idade de quem cruza fronteiras” (OIM, 2018).

O relatório ainda especifica que “[...] das mais de 1,2 mil crianças mortas, 803 vinham da Ásia, incluindo o Oriente Médio. Outras 171 eram do continente africano e 61, das Américas. A origem das outras 167 crianças falecidas permanece desconhecida” (OIM, 2018). O relatório ainda ressalta que tais números estão subestimados e, por isso, estima-se que somente as vítimas afogadas no Mar Mediterrâneo já excedam o número apresentado acima. Com base nisto, “calcula [se] que pelo menos 1,3 mil crianças morreram no Mediterrâneo desde 2014 - isso porque menos de 20% das mais de 15 mil mortes na região foram registradas com informações sobre a idade da vítima” (OIM, 2018). Tais números representam, proporcionalmente, que todos os dias, mais de uma criança morre somente no Mar Mediterrâneo na tentativa de fazer a travessia. O trágico é que situações como a fotografada na praia turca se repetem diariamente.

Os números totais de mortos e desaparecidos nas travessias, de igual modo, são assustadores. Segundo o rastreamento de migrantes e refugiados mortos e desaparecidos, feito pelo Projeto de Migrantes Desaparecidos da OIM, as fatalidades mostram-se gritantes: em 2015, o total de mortos registrados chegou ao número de 6.303; em 2016 os números cresceram substancialmente chegando a 8.070; em 2017 os números caíram, chegando a 6.163 e, no ano de 2018, o número de mortos soma 4.146 em todo o mundo (OIM, 2019).

Somente na travessia do Mar Mediterrâneo, o número de mortos identificados, durante esse início do século XXI mostra-se absurdo. “Atravessar o Mar Mediterrâneo com destino à Europa é a jornada mais perigosa para migrantes, com ao menos 33.761 mortes ou desaparecimentos registrados entre 2000 e 2017” (ONU, 2018a).

Apesar da travessia do Mar Mediterrâneo ser a fronteira mais perigosa do mundo, ela não é o único lugar onde migrantes e refugiados perecem ao tentar acessar outro país. A crise migratória atinge também as Américas e não apenas a Europa, Ásia e África. Nesse contexto, a fronteira entre México e EUA continua sendo o principal lugar onde centenas de migrantes e refugiados sucumbem em meio à difícil travessia.

[...] com a ajuda dos coiotes, tentam entrar na “América” – muitos acabam sendo abandonados no deserto pelos mesmos. Dezenas deles, exaustos e desidratados, acabam morrendo na vastidão inóspita da fronteira, onde as temperaturas ultrapassam os 40°C no verão. Com sorte, os corpos – ou o que resta deles – são encontrados semanas ou meses depois por fazendeiros da região ou agentes da fronteira (CASTRO, 2017).

Os dados apresentados pela OIM demonstram que, somente nessa fronteira, “[...] o ano de 2017 registrou 412 mortes, comparadas a 398 em 2016” (ONU, 2018b).

Os números de 2017 mantêm a tendência de aumento dos últimos anos. Em 2015 morreram 339 pessoas na fronteira e em 2014 foram 307. Aproximadamente um terço dos mortos são centro-americanos e o restante dos outros países da América Latina. A imensa maioria dos mortos é de homens. No ano passado morreram 22 mulheres e 5 crianças. Quando são encontrados, entretanto, muitos dos corpos estão em estado de decomposição e sem documentos, o que dificulta sua identificação (FAUS, 2018).

A exemplo de muitos corpos que simplesmente desaparecem no Mediterrâneo e a família jamais ficará sabendo, também, aqui, dificilmente a família e as pessoas próximas conseguiram chorar seus mortos, conforme atesta a jornalista Arlaine Castro: “A maioria deles jamais será

identificada, e os parentes dos mortos nunca vão saber que fim levaram” (CASTRO, 2017). Prova disso foi a descoberta feita por um grupo de antropólogos em 2015, de uma vala comum onde mais de 200 corpos de migrantes foi enterrada, supostamente de forma ilegal, no Estado do Texas. Vale a pena recuperar o depoimento do jornalista norte-americano John Carlos Frey, que vem investigando o caso:

As pessoas que foram enterradas nas valas não são consideradas seres humanos. São imigrantes latino-americanos que não falam inglês e não têm documentos para morar legalmente no país, ou seja, para muitos nos EUA não importa o que vai acontecer com eles (GONZÁLEZ, 2015).

O jornalista, em tom de indignação, complementa sua posição sobre o caso e a cobertura da imprensa: “Creio que se nestas valas tivessem sido encontrados 200 cães ou 200 gatos, o caso teria recebido muito mais atenção da imprensa. É uma vergonha” (GONZÁLEZ, 2015).

Infelizmente, situações como esta, que denunciam uma total falta de respeito com as vítimas fatais das travessias, são recorrentes na crise migratória. São poucos os que recebem um sepultamento minimamente digno de um ser humano. Quantos corpos sem identificação nenhuma há em valas comuns pelo mundo? Ou talvez nem enterrados? Quantos seres humanos servindo de alimento para tubarões e demais animais marinhos, no Mediterrâneo? Quantas pessoas mortas trazidas pelas ondas até a praia, que não virarão capa de revista, nem estampa de jornal, tampouco notícia?

Nesse contexto, pode-se indagar sobre o papel da Igreja junto às vítimas fatais, com seus entes queridos, mas também sobre o combate às causas. Como equilibrar o esforço no combate às causas sem perder de vista o acolhimento às vítimas e seus entes queridos? O esforço e o cuidado da Igreja deveria se concentrar apenas no combate das causas das fatalidades ou também se dirigir às vítimas fatais, que na tradição judaica e cristã continuam sendo imagem e semelhança de Deus? A Igreja é chamada a atuar tanto nas causas como nos efeitos, porém o que fazer enquanto as causas do fenômeno não são combatidas? O que fazer com as vítimas enquanto os fatores geradores não são superados? Como a Igreja poderá cumprir a sétima obra de misericórdia? O que poderá fazer para dar um fim digno para aqueles que continuam sendo imagem e semelhança de Deus? O que fará para consolar as pessoas enlutadas? Enfim, poderá transformar ou, ao menos, amenizar essa realidade tão cruel?

Tais questionamentos demonstram a complexidade do tema e a impossibilidade de acessarmos receitas prontas para tal fenômeno. Cientes disso, faremos um levantamento sobre as formas que a Igreja dos primeiros séculos do cristianismo lidou com a problemática das vítimas fatais de seu tempo.

O cuidado aos mortos na igreja primitiva

Em Mateus 25.31-46 há o relato das obras de misericórdia. Estas se resumem em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher as pessoas estrangeiras e forasteiras, vestir a quem está nu, visitar a doentes e pessoas em prisões. O mundo contemporâneo neotestamentário conheceu muito bem estas condições de vida a que Jesus oferece as obras de misericórdia como solução. Assim sendo, a fome, a doença, a sede, a falta de condições para se ter boa vestimenta, moradias precárias ou falta de uma, pessoas sem terra para plantio e sem país, a ausência de liberdade e de um sepultamento minimamente digno, eram os problemas mais graves enfrentados pelas pessoas da época. Vale lembrar que a Igreja Primitiva, além de olhar para as seis obras de misericórdia descritas por Jesus no capítulo 25 do evangelho de Mateus, ainda acrescenta a estas uma sétima obra de misericórdia, o sepultamento de pessoas mortas (BEYREUTHER, 1977, p. 24-25).

As obras de misericórdia não foram inventadas por Jesus. Há cinco mil anos já se verifica esta premissa de cuidado no Egito. A cultura egípcia já praticava tais obras. As primeiras “notícias” dos atos de misericórdia para com os semelhantes foram registradas, por exemplo, nas pirâmides, papiros e livros de ensino e sabedoria. Uma das divindades egípcias chamava-se “Ajudador dos Pobres”. Jesus também conhecia esta cultura, valorizava a mesma, reconhecendo o que esta promovia a partir de seus valores, a valorização das relações humanas, apoio e cuidado às pessoas em situação de dificuldade e de miséria (BEYREUTHER, 1977, p. 25-26).

Situações tão ou até mais dramáticas como a realidade que envolve a crise migratória podem ser encontradas na história da Igreja dos primeiros séculos, que entendeu que o cuidado às vítimas, inclusive às fatais, é um compromisso irrevogável do testemunho cristão. Logo em seus primórdios, a comunidade cristã teve que refletir sobre seu papel junto aos cadáveres que se amontoavam, devido a epidemias, guerras e perseguições.

Rodolfo Gaede Neto ajuda-nos a contextualizar essa temática no mundo contemporâneo da Igreja dos primeiros séculos:

[...] deixar alguém sem sepultamento era considerado um castigo para a pessoa falecida ou para seus familiares. Um documento da época de Jesus informa que os romanos, nas suas execuções, negavam os corpos dos crucificados aos familiares, como forma de punição. Nas perseguições aos cristãos, os perseguidores recusam-se a entregar os corpos dos mártires, deixando-os, sob vigilância militar, jogados ao tempo como alimento para os animais. Mesmo sob pagamento, os cristãos não conseguiam livrar os irmãos falecidos dessa sorte (GAEDE NETO, 2015, p. 329-330).

Possivelmente, a privação de sepultar seus mortos, conferida às pessoas cristãs, serviu para aguçar nelas o senso de responsabilidade e comprometimento em relação aos cadáveres. “Iniciam algo inusitado: como indivíduos ou como comunidade, assumem tanto os sepultamentos dos cristãos, quanto daquelas pessoas não cristãs que morrem na pobreza e no abandono” (GAEDE NETO, 2015, p. 329-330).

Em meados do século III d.C., uma peste extremamente perigosa e violenta invadiu a cidade de Cartago, na Tunísia, deixando um rastro de morte. A peste foi interpretada pela população como um castigo dos deuses à presença dos cristãos. O resultado imediato foi que a perseguição aos cristãos, que há pouco havia cessado, se intensifica novamente. Em meio a isso, o bispo Cipriano conclamou todos os cristãos a se unirem, para em nome de Cristo, ajudar todas as pessoas contaminadas pela peste, sem levar em consideração se eram cristãs, pessoas comuns ou mesmo seus próprios perseguidores. O bispo não esperou que a comunidade tomasse a frente, mas sim, chamou para si o protagonismo, e foi de casa em casa, rua por rua, perguntando pelas pessoas doentes, pelos moribundos, acolhendo as abandonadas e sepultando aquelas que já estavam mortas (VONHOFF; HOFMANN, 1977, *apud* GAEDE NETO, 2015, p. 320).

Nessa situação, os cristãos, diferentemente dos não cristãos, procuram cumprir a sétima obra de misericórdia, observada no Antigo Egito: sepultar os mortos. Sepultavam não apenas os achegados, mas toda pessoa morta que encontravam. Com esse trabalho sistemático de sepultamento, os cristãos alcançaram algo que estava fora de sua compreensão: controlaram a epidemia, porque o enterro se tornou uma medida de higiene pública (VONHOFF; HOFMANN, 1977, *apud* GAEDE NETO, 2015, p. 320).

Eusébio de Cesaréia, autor da primeira narrativa extensiva sobre a história da Igreja, reuniu em sua obra uma carta do bispo Dionísio de Alexandria na qual relatou sobre uma terrível epidemia que atingiu sua cidade, no século III d.C., e a atuação das pessoas cristãs junto aos cadáveres de que amontoavam:

E assim tomavam com as palmas das mãos e em seus seios os corpos dos santos, limpavam-lhes os olhos, fechavam suas bocas e, agarrando-se a eles e abraçando-os, depois de lavá-los e envolvê-los em sudários, levavam-nos sobre os ombros e os enterravam (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1999, p. 252).

Dionísio enfatizou que, na maioria das vezes, os cristãos que se dedicavam ao cuidado dos cadáveres ou pessoas moribundas contaminadas eram contaminados e acabavam padecendo também:

Morriam contentíssimos com eles, contagiados pelo mal dos outros, atraindo sobre si a enfermidade do próximo e assumindo voluntariamente suas dores. [...] Pouco depois eles mesmos recebiam os mesmos cuidados, pois sempre os que ficavam seguiam os passos dos que os precederam (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1999, p. 252).

Gaede Neto afirma que, nesse contexto, o sepultamento era uma das tarefas específicas dos diáconos, porém não exclusiva dos mesmos.

Em cidades litorâneas era comum encontrar cadáveres abandonados, vítimas de naufrágios. Cabia aos diáconos procurá-los, vesti-los, enfeitá-los e enterrá-los. Também o cuidado pelo cemitério e sua administração têm feito parte das tarefas dos diáconos nos primeiros séculos. Zeferino, bispo de Roma (198-217), incumbiu Calisto da administração do cemitério. Ambrósio escreve, no século IV, que os diáconos são guardas do cemitério dos mártires (GAEDE NETO, 2015, P. 330).

Os relatos e informações acerca do sepultamento na Igreja Primitiva não deixam dúvidas sobre a extraordinária importância que o ato ocupava na prática diaconal das primeiras comunidades. O fato de o sepultamento estar entre umas das tarefas específicas dos diáconos, sublinha sua dimensão diaconal. O sepultamento era visto como um serviço motivado pela fé em Jesus Cristo. A principal base teológica para a sepultamento parece ter sido sistematizada por Lactâncio, autor entre os primeiros cristãos, nascido no ano de 250 d.C., e vindo a falecer em 320 d.C. Para ele, as pessoas nunca deixarão de ser imagem e semelhança de Deus, mesmo depois da morte, e, por isso, é compromisso da Igreja oferecer um sepultamento digno:

Nós não permitiremos que a imagem e criação de Deus sejam lançadas aos animais ferozes e pássaros como presa, porém, a devolveremos à terra, donde vieram, e nós iremos também cumprir a tarefa [de sepultar os mortos] na pessoa desconhecida, em lugar dos seus parentes, ali onde estes faltam (HARNACK, 1924. p. 191).

A diaconia do sepultamento exercitada pela Igreja dos primeiros séculos partia da concepção de que todas as pessoas que perecem, independentemente se eram cristãs ou não, continuam sendo imagem e semelhança de Deus, merecendo um sepultamento digno. Ao mesmo tempo, entre as pessoas cristãs, o sepultamento não era visto somente como um momento de despedida, “[...] mas, antes, o ingresso na igreja triunfante” (GAEDE NETO, 2015, p. 330). Nesse sentido, representava também o testemunho de uma esperança que vai além da vida. Era, e continua sendo, um testemunho de fé no Cristo ressuscitado que venceu as forças da morte anunciando um Reino que transcende a razão científica e a realidade empírica. O elemento escatológico e transcendente da fé cristã, assumido pela Igreja dos primeiros séculos, lembra à Igreja contemporânea que ela tem uma missão a cumprir junto a todas as vítimas da crise migratória, vivas ou mortas.

Considerações finais

Os dados sobre as vítimas fatais nas travessias revelam uma realidade dramática e inaceitável. A Igreja Primitiva entendeu que sua missão vai além da morte, seu compromisso diaconal deve ser cumprido também junto às vítimas fatais. Por isso, considerou o sepultamento uma das prioridades da sua ação diaconal, em situações tão ou mais dramáticas que o rastro de morte deixado pela crise migratória na atualidade.

O caminho percorrido pelo artigo permite compreendermos o compromisso, pelo menos em parte, que a Igreja tem com as milhares de pessoas que perecem enquanto buscam a vida e a liberdade em terras estrangeiras. Não há como se esquivar. O Evangelho de Jesus Cristo e os testemunhos da Igreja Primitiva não permitem. A forma que a Igreja vai articular sua missão

diaconal diante desse desafio não está dado, os caminhos precisam ser encontrados. Os testemunhos da Igreja dos primeiros séculos não oferecem receitas prontas para a Igreja contemporânea lidar com este fenômeno e suas vítimas. A dimensão e a complexidade do desafio exige ações conjuntas, em parceria com outras organizações já envolvidas no cuidado às vítimas das travessias e seus entes queridos.

Metodologias diaconais de acolhimento precisam ser encontradas para que não apenas a Igreja atue como aquela que busca resolver problemas já apresentados, ou em estado avançado de difícil solução. Situações complexas, como a analisada neste artigo, exige da Igreja a atuação em dois níveis. Não se pode desistir de superar as causas e raízes do sofrimento humano. Ser omissos é como esgueirar-se da responsabilidade de atuar no combate aos sistemas opressores que geram migração. Por outro lado, é fundamental o acolhimento das pessoas que são vítimas de processos migratórios dolorosos.

Antes de tudo, Igrejas cristãs devem ser diaconais e acolhedoras. Não obstante, sabe-se que, em muitos dos casos, especialmente no continente latino-americano, a maior parte das pessoas tem, em seu DNA, registros de que no passado também vivenciaram processos de imigração: um dia, talvez, já foram, aquelas pessoas que morreram, dentro de navios ou mesmo na praia.

Referências

ACNUR. “Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes. 2016. Disponível em:

<<http://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>>

Acesso em: 17 ago. 2018.

BEYREUTHER, Erich. *Geschichte der Diakonie und inneren Mission in der Neuzeit*. Berlin: Wichern-Verlag. In: VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. *Samariter der Menschheit: christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart*. München: Claudius-Verlag, 1977.

CASTRO, Arlaine. A fronteira México-EUA e o pesadelo da travessia. *Gazeta Brazilain News*. 2017.

Disponível em: <<http://gazanews.com/fronteira-mexico-eua-e-o-pesadelo-da-travessia/>>.

Acesso em: 08 ago. 2018.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999.

FAUS, Joan. Crescem as mortes na fronteira entre EUA e México apesar da diminuição drástica da chegada de imigrantes. *El Pais*. 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/internacional/1518211983_048921.html>. Acesso

em: 08 ago. 2018.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 55, n.2, jul. 2015, p. 329-330.

GONZÁLEZ, Jaime. Vala comum com 200 corpos no Texas revela dimensão trágica de travessia México-EUA. *BBC*. 2015. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_eua_valacomum_ebc>. Acesso em: 15 ago. 2018.

HARNACK, Adolf von. *Die Mission und die Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. Leipzig: Verlages-KG, 1924.

OIM. *Missing Migrants*. OIM. 2019. Disponível em: <<http://missingmigrants.iom.int/>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

OIM. Mais de 1,2 mil crianças morreram desde 2014 tentando migrar, alerta ONU. 2018. *ONUBR*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mais-de-12-mil-criancas-morreram-desde-2014-tentando-migrar-alerta-onu/>>. Acesso em: 01 maio 2018

ONU. Travessia do Mediterrâneo é a mais mortal para migrantes, diz relatório da ONU. *ONUBR*. 2018a. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/travessia-do-mediterraneo-e-a-mais-mortal-para-migrantes-diz-relatorio-da-onu/>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

ONU. Número de migrantes mortos na fronteira entre México e EUA permanece alto, diz ONU. *ONUBR*. 2018b. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-mortos-na-fronteira-entre-mexico-e-eua-permanece-alto-diz-onu/>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

PÚBLICO. Papa Francisco foi a Lampedusa "chorar os mortos que ninguém chora". *Público*. 2013. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/07/08/mundo/noticia/papa-francisco-escolhe-lampedusa-para-primeira-viagem-do-seu-pontificado-1599582>>. Acesso em: 07 jun. 2018.